

# O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VII      OUTUBRO E NOVEMBRO DE 1902      N.º 10 E 11

## Archeologia lusitanó-romana

### 1. Inscrição de Alfazeirão

De um decalque que o Sr. Vieira Natividade me enviou, vejo que a inscrição funeraria publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 360, deve ser assim:

TERENTIAE < Q  
F < CAMIRAE  
TERENTIA < D Q  
F < MAXVMA  
MATER

As divergencias entre o meu texto e o do *Corpus* são pequenas.

Na linha 3 o *Corpus* tem DOC com um *o* pequeno incluso no O, ao passo que a lapide só apresenta DQ com um *o* pequeno incluso no D; nesta abreviatura contém-se a palavra *Doquiri*, ou um derivado d'ella, i. é, *Doquiricus* (= *Docquiricus*); cfr. no *C. I. L.*, II, 624 e 551 respectivamente ATIA DOQVIRI F · SEVERA e DOCQVIRICVS VITALIO.

As palavras no meio das linhas estão separadas não por pontos, como no *Corpus*, mas por pequenos angulos.

O sentido da inscrição é: «A Terencia Camira, filha de Quinto, sua mãe Terencia Maxima, filha de Doquiro (ou Doquirico), consagrou este monumento».

Tanto *Camira*, como o vocabulo abreviado em *Doq.*, são frequentes no onomastico peninsular.

### 2. Inscrição achada em Lisboa

No jardim do palacio do Sr. Duque de Palmella, na Rua da Escola Polytechnica, em Lisboa, appareceu em Maio de 1902, num entulho,



Este monumento não estava certamente no seu logar primitivo, pois ao pé, no mesmo entulho, appareceu uma esculptura portugueza, de pedra. Sou levado a crer que elle veio do Alemtejo, já porque alli se encontram com frequencia lapides sepulcraes em fórma de pipa (chamados *cupiformes*, pois «pipa» é *cupa* em latim), já porque numa inscripção de Myrtilis, publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 17, figura um individuo chamado *L. Firmilius Peregrinus*, que póde ser o mesmo de que se aqui trata, ou parente; e mais provavel é que a pedra a mandassem da provincia para a capital, do que de Lisboa para uma terra provincialiana.

### 3. Antiquidades de Pax Iulia (Beja)

Em 15 de Dezembro de 1900 escreveu-me uma carta o Sr. Joaquim de Vargas, conservador do Museu Municipal de Beja, communicando-me que, meses antes, demolindo-se parte da muralha de Beja para edificação do palacio das repartições publicas, se encontraram várias antiguidades romanas, como fragmentos de capiteis, de frisos e de fustes de columnas, uma cabeça de estatua de mármore, restos de pedras tumulares e outras. Todos estes monumentos deram entrada naquelle museu.

O Sr. Joaquim de Vargas levou a sua bondade a enviar-me copias e desenhos das inscripções. Adeante as vou publicar.

Tendo eu estado em Beja, em Outubro de 1901, tive occasião de ver todos esses monumentos archeologicos, e de obter (por intermedio do Sr. Manoel Joaquim Duro) uma photographia da cabeça de mármore.

\*

Na pagina junta figura-se uma photo-gravura d'esta ultima. Está reduzida a  $\frac{1}{3}$  da grandeza natural.

Este pequeno monumento appareceu propriamente no 2.º baluarte da 2.ª ordem de muralhas da cidade, mettido na vedação do convento da Esperança. Foi encontrado por um trabalhador, e offerecido ao Museu de Beja pelo Sr. Francisco Antonio Vital, apontador de obras publicas; entrou no Museu em Fevereiro de 1900.

A respeito d'elle, diz-me o Sr. Salomon Reinach em carta: «Le marbre dont vous m'envoyez la photographie me paraît appartenir à la fin du I<sup>er</sup> siècle après J. C. Par le procédé du travail, il rappelle naturellement les bustes de Corbulon qui sont au Louvre. Mais il ne représente ni Corbulon, ni aucun autre personnage connu. De pareils portraits sont toujours bons à publier, car ce sont d'excellents exemples de la sculpture impériale».

\*

Passarei agora a occupar-me das inscripções.

a) Num marmore:



L. 2. O primeiro T não está bem nitido na sua haste horizontal, nem o segundo V; mas não ha duvida que a palavra a que essas letras pertencem é *Vettonianus*.

L. 3. A letra P não está muito clara.

O sentido da inscripção é: «Dom ao deus Manes. Quinto Cassio Vettoniano, de Pax Iulia, de 26 annos de idade, está aqui sepultado. A terra te seja leve».

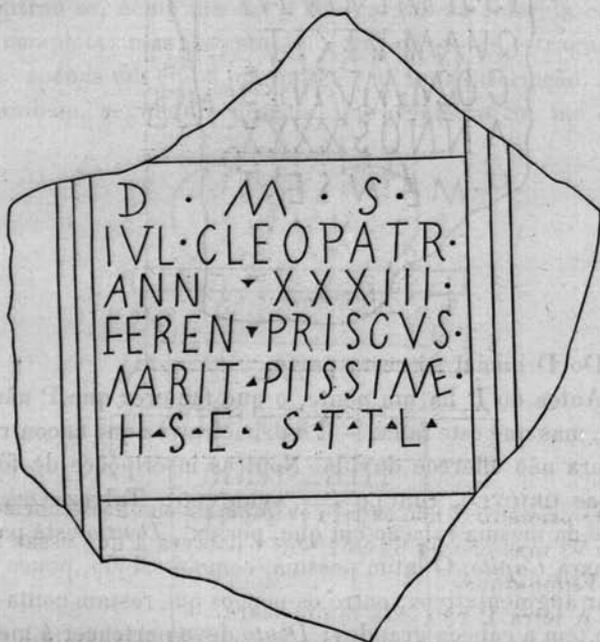
Altura da pedra 0<sup>m</sup>,85; largura 0<sup>m</sup>,47; espessura 0<sup>m</sup>,27. Campo da inscripção: 0<sup>m</sup>,36 × 0<sup>m</sup>,42. Altura das letras 0<sup>m</sup>,05.

O cognome *Vettonianus* é a primeira vez que apparece numa inscripção da Iberia, — pelo menos não o vejo citado no vol. II do *Corpus*; mas encontra-se muito espalhado fóra da Peninsula<sup>1</sup>. A inscripção de

<sup>1</sup> Vid. *Prosopographia Imperii Romani*, parte III, Berlin 1898, p. 415; e *Corp. Inscr. Lat.*, III, 5663; VII, 164; VIII, 4623. Limite-me a esses exemplos (ha mais).

Beja tem por isso certa importancia. Este cognome deriva de *Vetto*, directa ou indirectamente: quanto ao modo da formação directa, cfr. *Varronianus*<sup>1</sup>, de Varro; para a formação indirecta, teria de se admittir \**Vettonius*, como nome intermedio, estando para elle *Vettonianus*, na mesma relação em que, por ex., *Scribonianus* está para *Scribonius*. O nome \**Vettonius* nunca o encontrei; todavia podia existir, do mesmo modo que existe *Vasconius*<sup>2</sup>, derivado de Vasco (no plural *Viscones*, povo iberico). *Vetto* (no plural *Véttones*, nome de outro povo iberico) apparece com frequencia nas inscripções da Península, tanto em Portugal, como na Hespanha<sup>3</sup>.

b) Num fragmento de lapide eupiforme, de marmore:



O sentido é: «Dom aos deuses Manes. Julia Cleopatra, de 33 annos de idade, está aqui sepultada. Herennio Prisco levantou este monumento funebre a sua dedicadissima esposa. Seja-te leve a terra».

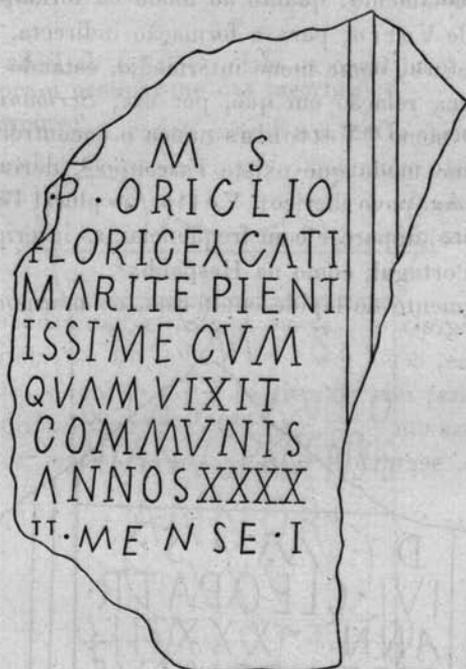
O campo da inscripção tem esta área: 0<sup>m</sup>,20 × 0<sup>m</sup>,21. Altura das letras: 0<sup>m</sup>,025.

<sup>1</sup> No *Corp. Inscr. Lat.*, x, 6280.

<sup>2</sup> No *Corp. Inscr. Lat.*, ii, 6340.

<sup>3</sup> Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, ii, 201, 601, 823, 829; e *Veto*, com um t, 529.

c) Num fragmento de lapide cupiforme, de marmore:



L. 1. Do D inicial só resta parte.

L. 2. Antes do P ha um ponto, o que faz crer que P não indica o *praenomen*, mas que este falta. — É a primeira vez que encontro *Oriclio*; mas a leitura não offerece duvida. Noutras inscripções de fóra da Península lê-se ORICVLO, ORICLO (= AVRICVLO). Talvez *Oriclio* esteja para *Oriclo* na mesma relação em que, por ex., *Dentio* está para *Dento*, e *Capitio* para *Capito*. O latim possuía, como é sabido, pouca tendencia para formar augmentativos; entre os poucos que restam conta-se *capito*, *-onis*, «que tem a cabeça grande»; *Dento* deve pertencer á mesma categoria e significar «dentola»; *Oriclo* poderá significar «orelhudo».

L. 3. *Florice* = *Floricae* (dativo). *Agati* = *Agathi*, que se lê no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 1401; *Agathus* (ou *Agatus*) é frequente no onomastico geral (origem grega).

L. 6. *Quam* em vez de *qua*. No latim da decadencia encontra-se frequentemente o accusativo regido de *cum*, por isso que *m* não se pronunciava: tanto valia pois para o ouvido, no nosso exemplo, *quam* como *qua*.

L. 9. Das duas primeiras letras só se vê metade por a pedra estar gasta. Deve ser: II. Creio que não falta outra antes. *Mense* = *mense(m)*,

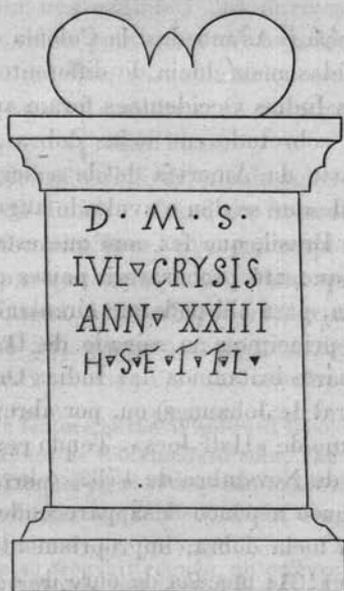
com queda do *m*, que, como se disse acima, desapareceu da pronuncia popular; é accusativo, e não ablativo, como se prova por *annos* na linha 8.

Os AA. não teem traço ao meio. O 1.º A da linha 3 tem aspecto de lambda.

O sentido é pois: «Dom aos deuses Manes . . . . P. Oriclião (ou Oriclio) consagrou este monumento á memoria de sua dedicadissima esposa Florica, filha de Agato, com a qual fez vida commum durante quarenta e dois annos e um mês».

\*

Proximo da igreja do Carmo, ao abrir-se um cabouco para edificações, encontrou-se, como me diz o Sr. Vargas na referida carta, uma sepultura completa; mas os estupidos trabalhadores estragaram tudo, salvando-se apenas um cippo marmoreo com uma inscripção. Aqui o reproduzo tambem, segundo o desenho que o mesmo Sr. me enviou:



L. 2. O cognome *Crysis* está por *Chrysis*, que apparece noutras inscripções peninsulares; tambem apparece *Crysis*, *Chrysis* e *Cry(s)ida*. Temos aqui a palavra grega χρυσίς, que significa «objecto de ouro» (bordado, vaso, etc.), designação bem propria no nosso caso, pois se applica a um rapariga de 23 annos. Cfr. *Julia Cleopatra* numa das inscrições precedentes, onde apparece o mesmo *nomen gentilicium* que

nesta, e tambem um cognome grego. Julia Cleopatra e Julia Chryside eram talvez libertas.

Altura da lapide: 0<sup>m</sup>,69; largura no meio: 0<sup>m</sup>,27; espessura: 0<sup>m</sup>,11. Campo da inscripção: 0<sup>m</sup>,18 × 0<sup>m</sup>,17. Altura das letras: 0<sup>m</sup>,025.

O sentido é: «Dom aos deuses Manes. Julia Chryside, de 23 annos, está aqui sepultada. A terra te (seja) leve».

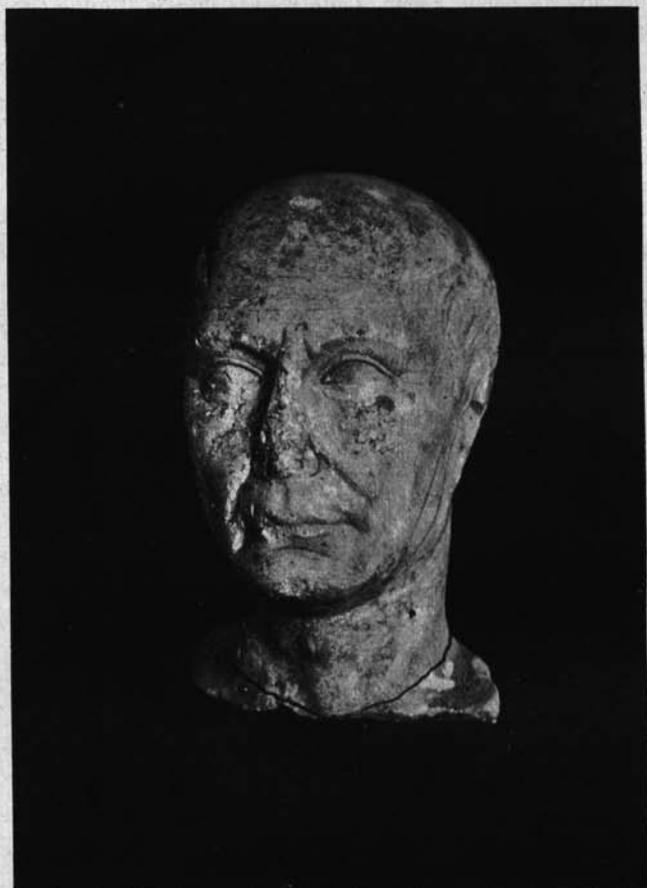
\*

Vê-se que o Museu de Beja continúa a progredir, o que é motivo de satisfação para todos os que se occupam da archeologia nacional.

J. L. DE V.

### Moedas portuguezas de ouro carimbadas ou cravejadas nas Indias Occidentaes e no Continente Americano

Na minha publicação «As moedas da Colonia do Brasil» tive occasião de fazer conhecidas meia duzia de differentes contramarcas, que em varios logares das Indias Occidentaes foram applicadas em moedas portuguezas de ouro, sobretudo em meias dobras, que circularam largamente naquella parte da America desde a segunda metade do seculo XVIII, isto é, desde que se deu o avultado augmento no rendimento das minas de ouro do Brasil, que fez com que estas moedas se tornassem tão abundantes que até procuravam paes estrangeiros, como o Canadá e a Inglaterra, para alli poderem circular á vontade. É sabido que esta abundancia principiou no reinado de D. João V. As dobras eram conhecidas na parte britannica das Indias Occidentaes pelo nome de «Johanneses» (plural de Johannes) ou, por abreviatura, «Joes», e as meias dobras pelo nome de «Half Joes». Tendo cessado, em virtude da lei portuguesa de 29 de Novembro de 1732, o lavramento das dobras, estas foram depois pouco a pouco desaparecendo, e então em alguns logares chamava-se á meia dobra, impropriamente, «Joe», quando se devia dizer «meio Joe». Ás moedas de ouro de 45800 réis os ingleses deram o nome de «Moidores». Houve tempo (1790 a 1820) em que as moedas portuguezas de ouro constituiram o principal meio circulante nas Indias Occidentaes do dominio inglês, francês, hollandês e dinamarquês, auxiliadas pelas patacas hespanholas de prata, inteiras, cortadas e fraccionadas. As meias dobras tinham alli geralmente o valor de 8 patacas hespanholas. Aconteceu, porém, que estas moedas de ouro foram muito cerceadas, tendo-se originado tão feia pratica na circums-



CABEÇA DE MARMORE ROMANA ACHADA EM BEJA